

AHORA -FA-TAL-

- manifestação -

Cada Um Faz Como Quer
ou A Volta dos que

Não Foram

Faz tempo. Num tempo inco-
mum. A comunidade viu e aplaudiu a
Comunicação do jornal Opinião. Pê Jo-
sé, Durvalino & Edmar. O mergulho
foi grande. O jornal acabou. O vento
levou. Não foi nada, minha gente.
Uma porção de besteiras escritas para
você. Era o verbo. Agora
verbo no Tribunal Democrática de
a gente tá apelando
pra substantivo. Já fizemos ad-
Herculano & Paulo B. Sá. Ai entrou
pra ficar o Galvão. Em vão. Em pro-
cesso. Em retrocesso. Acabou chora-
re. Foi bom enquanto durou. Foi in-
finitamente curto. Existiu. Mesmo
conjugado no passado. Amém. Pintou
Pereira, Arnaldo, Aroldo, Marcos Igre-
ja e outros quais sob o céu de estre-
las de flôr do mal no presença. O
Pasquim ficou atrás. Os astros abri-
ram a luz e o verde tornou-se lógico:
GRAMMA. Gramou todo mundo. Pin-
tou bordou e ficou e foi e ficou atrás
do muro. E se outro pintar as cores se-
rão diferentes. Interessante o Estado
jornal. Muito interessante. Nosso a-
gradecimentos a Heider & Alberoni
muito legais. Pt — saudações. Foi e
era. A ovelha branca se desgarrou.

Marcos Igreja que me perdoe. Per-
dões por continuar ovelha negra. No-
ronha Pessoa Filho — uma boa pes-
soa. O couro do cordeiro sofreu meta-
realizei quando um desenho meu
sar no "Pasquim". Depois eu vim pra
Teresina e o Galvão, Pereira e Edmar
estavam pensando em fazer um jor-
nalfoso. Ficou, Galvão, Arnaldo, Tor-
quato, Pê José, Durvalino, Edí & ação.
A nave atracou no porto. A Hora é
esta. Fa-tal. Ação. E uma porção de
coisas inventadas. Não me agrada a-
gradar vocês. É bom que seja assim.
Enfim, livres. Leiam se quiserem. Sol-
tem as tranças. Rasguem o jornal.
Ele é assim mesmo. Mesmo que não
queiram vocês. O bom é fazer o que
a gente quer. Eu quero. Se acabou
que acabe bem. Que seja Fa-tal. Que
não seja final. Ação & movimento.
Corte & costura. Fazem.
Bem feito. No fetio dos
moldes da gente. Quem? Vocês
também. Muito bem. Quem nasceu
pra assistir missa não namora no pa-
tamar da igreja. Cada macaco no seu
galho. Ninguém entendeu nada.
Azar. É bom que não se entenda nada.
E eu não vou explicar. É pau... é
mau... e tal... É divinamente lindo e
outras coisas mais. Quem quiser que
entenda. Não faz mal. O verbo já era.
O substantivo está solto. FA-TAL.
(edmar)

este jornal (este é mesmo um jornal?) está pintando aqui encartado na HORA nasceu de uma necessidade
fio-bestialógica da gente, a HORA FA-TAL é a nossa amplificadora, nossa boca pro mundo, é também o nosso
ponto de vista de vida e de morte. O título do jornal foi imaginado por Edmar Oliveira, assim como toda a
pregramação gráfica, o logotipo e as ilustrações são de Arnaldo. este jornal é trabalhado por Torquato, Galvão,
Edmar, Noronha, Arnaldo, Durvalino, Pê José, Xico Pereira e Haroldo. será publicada qualquer colaboração
sempre que pedida e aceita. no mais é pau ... é pedra..é isso aí, número um. teresina/junho.

É interessante participar de no-
vas experiências, novas aquisições. O
processo não é subdividi-lo, sim colo-

Se a sua motivação o leva a alguma
estrada mais larga, percorra-a, conti-
nue andando em frente. As formas
não são fixas, embora tente-se isto.
Se queres parar, o próximo passo que
seja mais largo para que o segundo
pê pise um pouco mais na frente do
rastros do primeiro. Siga avante. Grite.
Arranca as tripas se for preciso.
Os olhos não estão fixos nos espelhos,
embora olhos fixos estejam fixados em
você. Que sua imagem não seja a sua.
A sua já passou. Use qualquer forma
como forma de libertação e aargue-a o
mais possível. Do individual para o
tudo. O processo é contínuo, é dina-
mico. Ai daqueles que o querem pa-
rar. "Quanto mais aprimorada é a
legislação e a censura, mais número
de assaltantes aparecem" (lao-tsé, toa-
te ching 600 AC)

(noronha)

A Dupla Japonesa Contra o Investigador

Sempre eu tive vontade de ver
um trabalho meu em um jornal. Me

sai no "Pasquim". Depois eu vim pra
desenhos para o Garrincha e "O
Dia" me chamou prá lá. Lá eu senti
como é a barra pra quem escreve e
faz coisas em jornais do Piauí. Tu-
do mundo manda nos caras que cri-
am as coisas: o dono do jornal, o a-
migo do dono do jornal, o primo do a-
migo, etc. Pra quem não sabe eu di-
go mais: as Ligas das Senhoras man-
dam listas para a redação dizendo o
que pode e o que não deve sair nos
jornais. Não é todo dia que se lê
Jesus Cristo e a Sagrada Curtição
da fé, mas as senhoras católicas es-
tão aí mesmo para zelar pela sagra-
da família do Piauí. Fora isso tem
os marcos da vida a cada momento.
Nós fizemos o GRAMMA. Foi legal.
Inda hoje tem gente inteligente que

quer ver coisa que não existe. Dá
vontade da gente rir... Depois do
GRAMMA pintou um bocadão de
gente, e a gente se meteu com um
bocado de gente que não era legal.
Como é imbecil a briga do Indio do
Piaury com o Pasquinão. Não tem
nada de novo. A gente fazer um tro-
ço novo e lá vem um cara com onda
devagar, tendo medo de apresentar
as coisas. São tão imbecis que a-
cham que fofocas pseudo-políticas
vende jornal. E as briguinhas dentro do
jornal: Indio do Piaury versus Bety
Friedan Subdesenvolvida. E o pior
são as notinhas do dono do jornal que
a Bety escreve. Não dá pra vomitar
mais.

(Arnaldo)



Mais uma vez presente. Presença da hora FALSA. A ausência de Cultura. Um movimento, uma ação. Uma porção de coisas pra serem ditas. Mais uma vez. Outra vez. O trabalho da gente é para ser curtido. Não é pra ser lido. Talvez a última vez. E essa sensação de mistério que dá prazer de se fazer mais um. É essa coisa louca. É lutando com vontade. Geralmente você não lê. Você curte. Geralmente o jornal tá com as matérias todas trocadas. Mas você faz um esforço e lê, depois de curtir. Obrigado. Nós somos um movimento. Uma ação. Ninguém entendeu quem a da gente. Não faz mal. Nós somos assim mesmo. Um grupo. Um gramado verde. A gente procura fazer as coisas como elas devem e esperam que sejam feitas. Hoje tem Fernando Pessoa, poeta da pesada de 1923 nas páginas da pesada do jornal de 1972. A gente quer as coisas assim. Hoje tem Galvão atacando de contestista de 1970, na sua primeira fase. Hoje é

domingo, e dia de missa, e dia de cultura nos jornais, e Edmar, sem sobrenome, mistura os santos com cultura como ele quer. Hoje tem Durvalino de 1960 num retrato de um jovem quando poeta. Hoje tem Noronha quebrando a cara de vocês. Hoje não tem Arnaldo, que entrou num mergulho sem querer fazer nada. Hoje tem Torquato falando do que ele gosta e não do que vocês querem. Que nos perdoem todo mundo. O negócio aqui é assim. O logotipo foi criado por Arnaldo. A programação gráfica atravessada foi inventada por Edmar. Todo mundo curte em cima disto. No número passado dois colaboradores estavam presentes. Quem mais se habilita? Vamos continuando sem saber quando é o fim. Hoje, nós estamos em Parnaíba transando outra coisa, enquanto circula esse número Por sinal, o quarto. Número quatro. No mês de julho Nas férias escolares. Pois é.

para fornecimento de Cimento Por-

FALSA





Fernando Pessoa

(ou, Alvaro de Campos)

poeta português

(1888 - 1935)

Não: não quero nada.
Já disse que não quero nada.

Não me venham com conclusões!
A única conclusão é morrer.
Não me tragam estéticas!
Não me falam em moral!
Tirem-me daqui a metafísica!
Não me aprego em sistemas compeltos, não me
enfileiram conquistas
Des ciências (das ciências, Deus meu, das ciên-
cias!) —
Das ciências (das ciências, Deus meu, das ciên-
Que mal eu fiz aos deuses todos?

Se têm a verdade, guardem-a!

Sou um técnico, mas tenho técnica só dentro da
técnica.
Fora disso sou doído, com todo o direito de sê-lo.
Com todo o direito de sê-lo, ouçam?

Não me macem, por amor de Deus!

Querjam-me casado, fútil, catidiano e tributável?
Querjam-me o contrário disto, o contrário de qual-
quer coisa?
Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes, a todos, a
ventade.
Assim, como sou, tenham paciência!
Vão para o diabo sem mim,
Ou deixem-me ir sozinho para o djabo!
Para que havemos de ir juntos?

Não me peguem no braço!
Não gosto que me peguem no braço. Quero ser so-
Já disse que sou sozinho!
Já disse que sousozinho!
Ah, que maçada queremos que eu seja de compa-
nia!

Deixe-me em paz! Não tardo, que eu nunca
tardo...
Enquanto tarda o Abismo e o Silenci quero estar
sozinho!

Não mais que de Repente

.. Lírico. É como se eu estivesse vendo: a rua que descia até o rio, a estrada nova que se abria do outro lado, o apito da usina, a voz do cajueiro. Entrava pela boca do pato e saía pela boca do pinto — dava um tempo e contava até cinco. Era aí que tudo recomeçava, um dia depois do outro e para sempre todo santo dia.

.. Era de dia. Meu avô de pé na porta e o Tico Tico no Fubá tocando longe. A rua escorria tranquila na direção do rio. Quem diria? Um quadro depois do outro: gozado como a cor de tudo, vista daqui, não dava pra chegar a verde-verde, azul-azul, vermelho no duro: tudo meio cinza, desbotado, enfumaçado. Mas tudo tão presente, agora. Por que?

Fernando Pessoa fala diferente. A mesma-coisa. ..

"Outra vez te reveio.

Cidade da minha infância pavorosamente perdida...

Cidade triste e alegre, outra vez sonho aqui...

Eu? Mas sou eu o mesmo que aqui vivi, e aqui voltei, ..

E aqui tornei a voltar, e a voltar.

E aqui de novo tornei a voltar?

Ou somos todos os Eu que estive ou estiveram, ..

Uma série de contas-entes ligadas por um fio-memória, ..

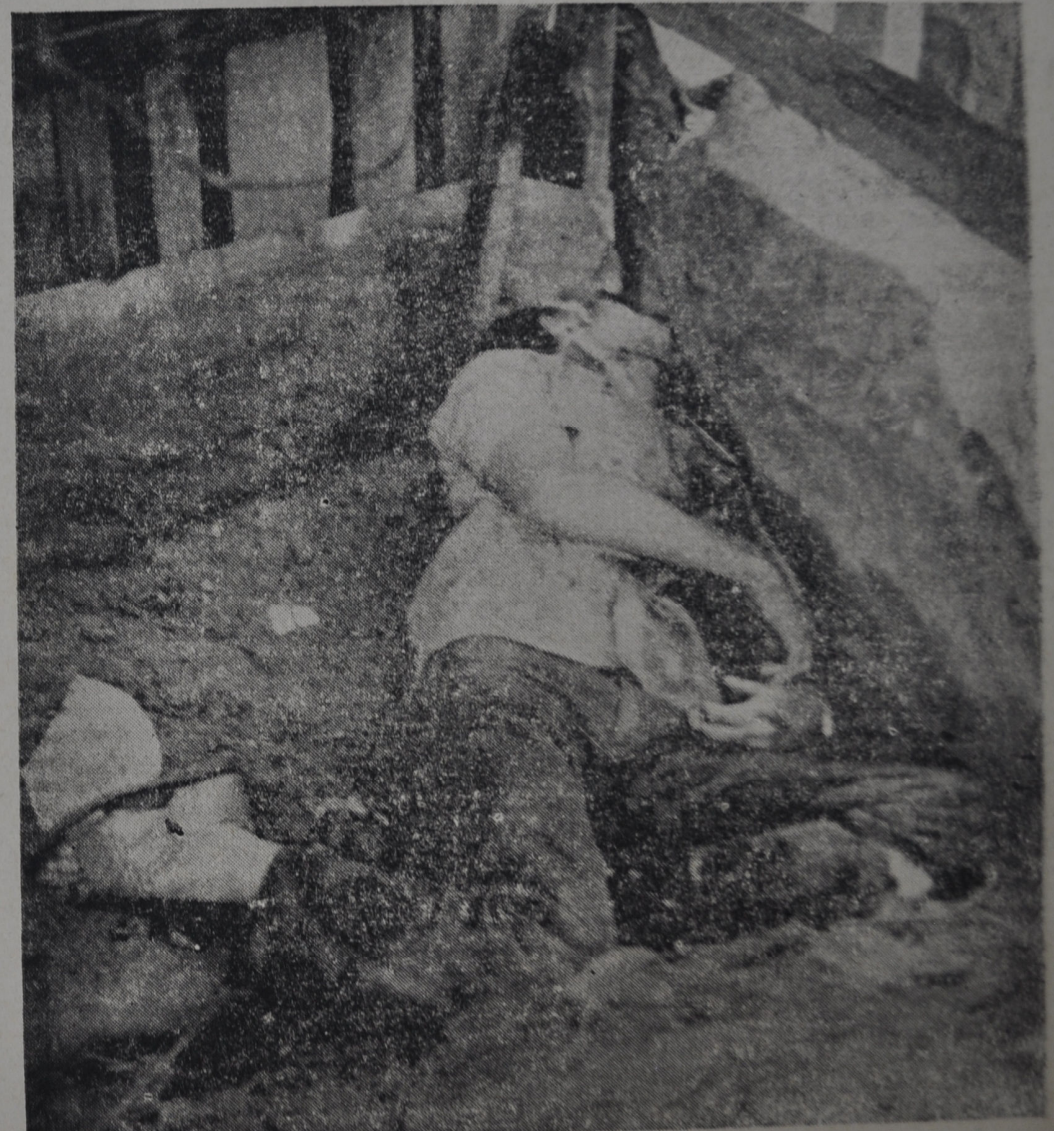
Uma série de sonhos de mim de alguém de fora de mim?

Outra vez te reveio, ..

Com o coração mais longínquo, a alma menos minha."

E não tem mais nada não: é a mão sem mão e o pé no chão. E se interessar a alguém maiores detalhes eu aviso: só acredito mesmo naquilo que não falo. Como o cidadão da foto ao lado. Até breve.

(Torquato Neto)



Encarna — Ação

VEM AI

O mini-mistério pintou e bordou a saia pra mais uma vez chegar. Pra voltar. Não diga que você não entendeu: nós não somos jornalistas. Nós somos MOVIMENTO. Movimento § AÇÃO.

Corte & costura. GRAMMA, o jornal vai pintar. Aguardem. (EDMAR, sem sobrenome)

ATENÇÃO, MARCOS IGREJA:

Reproduzo aqui um trecho de uma carta de Pê José: "Faça-me um favor; veja se consegue tirar o meu nome, o de Durvalino e o da France do expediente do Estado Interessante. Além de não ter tempo de mandar, qualquer coisa, fico (ficamos) solidários com você, Galvão, Arnaldo e tal.

Faça isto. O nome da Fatinha isto é lá com ela. Pê José, Durvalino e France — pode tirar. Mas vá com jeito, senão os bichos vão ficar meio oertos, pensando que a gente tá é com raiva deles. E não é nada disto você sabe." Bem, eu acho que tá tudo explicado no seu devido lugar né Marcos? (EDI)

FERNANDO, O PESSOA

Numa das páginas deste jornal de hoje, você encontra uma poesia de Alvaro de Campos, escrita em 1923. Se você não sabe de Fernando Pessoa, trate de se informar. O cara além de ser ele-próprio, é também Ricardo Reis, Alberto Caeiro e Alvaro de Campos. São quatro poetas. Esse que a gente escolheu... não é preciso comentários. Leia... e só. Tá tudo aí. (EDMAR sem sobrenome)

ALÔ TURMA DA GRAMA JOVEM

Meu amigo Paulo Vilhena e seus companheiros. Nós temos aqui. Mandem qualquer coisa pra gente publicar. Aqui é nossa boca pro mundo. Gritem conosco. Podem gritar. Eu espere o. (EDMAR seu sobrenome)

PRESTA ATENÇÃO

Não adianta. Não faz bem a saúde. É nocivo. "Cultura" nasceu em academia tomando chá las cinco. Deixa-a em paz. Meneses meu velho: solte as tranças. Dues ou quatro palavras para você: Liberte-se antes da rora. Antes que o sino chame todos mundo pra procissão dos cultos. (EDI)

PERDÃO

Senhorita Rose, ouvimos dizer que a senhora é linda. Então pode continuar escrevendo besteiras que a gente perdôa. (A GENTE)

VAGA ABERTA

Quem se candidata a revisor deste jornal? Vagas abertas. Inscrições na redação do mesmo com o senhor Wilson Fernando. (A REDAÇÃO)

BOMBA

Fomos citados na coluna da Elvira Marcos Igreja. Que diferença faz? (A GENTE)

SEM COMENTARIOS

Eu li a folha da vovó aninha, Chico Viana. Vê o que voce escreveu da gente. E daí?

(EDMAR, sem sobrenome)

CULTURANDO

Não quero ir pro inferno
vou escrever verso moderno
ôlé-lé ôlá-lá
na academia vamos vaiar
tumultua, tumultua
cultura que é minha
cultura que é tua
vou até a porta que dá para o quintal
alô meus camaradas ciao ciao
Eu vou lê zé mauro
até amanhecer.
você fica cantando
na tonga da mironga do cabuletê.
papai quando morreu deixou canavial
e eu quando crescer
vou ser intelectual.
vivo esperando a coisa melhorar
para 15kgs de obras publicar
vou correído, na fonte beber
meu amor me disse ontem
que bom mesmo é sofrer.
céu pra mim; pra ti inferno
quero por quero escrever verso
moderno.
joguei meu irmão n'agua
de pesado foi ao fundo
deus me livre
deus me guarde
do Soldado deste mundo.
(Antonio Galvão)

NOS, literários Apresentamos
UM CONTO DO GURU DA VILA
OPERARIA

A RECOMPENSA

(1970)

Ora, se deu que transando eu, por uma das mais movimentadas ruas da cidade, notei uma multidão que se aglomerava em torno de algo. A curiosidade guiou-me, até ali, os passos, e, logo me vi fazendo parte daquela multidão. — “Mas, que queda horrível! començou uma senhora gorda, com cara de desmaios e, todos os outros da roda, inclusive eu, olhamos para cima. Com efeito, lá e acima num dos últimos andares, havia muita gente debruçada na janela, gesticulando com uma mimica tão forte, que me foi possível entender que aquêle algo que jazia caída, caíra lá de cima. Só então cheguei-me mais pra perto e, abrindo passagem com as mãos, vi um homem de cuja cabeça corria um filê de sangue por uma brecha aberta quase que entre os olhos. Fiquei decepcionado. — Mas, então toda esta gente aqui, neste alvorôço, só para ver um homem que caiu, de um prédio. Que coisa mais banal, hoje em dia. Pegue qualquer jornal e veja se não houve alguém que caiu de um prédio, de uma árvore, ou de uma ponte (se bem, que as quedas mais frequentes, depois das quedas de rede, são as da moral e da dignidade). Ao olhar as faces, dos outros que estavam ali, que não só eu estava decepcionado. Alguem cuspiu de lado e foi embora. Outro se benzeu e, saiu lamentando o tempo perdido. Pouco a pouco, o local foi ficando mais vago e restava apenas uma meia dúzia de pessoas. De repente, parou rente ao meio-fio, um carro grande e branco, um automóvel. Dêle saltou um homem bem apessoado, de terno branco, com um chapéu de Panamá na cabeça. Aproximou-se da rodinha, que se formara em torno do morto, e, reconhecendo-o, cortou desesperado caindo sobre o corpo do des-

graçado, chorando convulsivamente e revistando-lhe os bolsos. Virou o morto de bruço. Meteu-lhe a mão nos bolsos trazidos e, não encontrando nada, desviou-o ante o olhar entarrecido da multidão. Desenganando-se de que nada havia, o homem de branco levantou-se. Estava com o terno todo manchado de sangue. Gritou, vibrando a voz o mais alto que pôde e engando uma lágrima vermelha do seu rosto — “Miserável! Ordinário! como pudeste morrer assim, a dever-me. Quem me pagará, agora, o que te emprestei? Quem, desgraçado? E, enfiou um pontapé tão forte na mão direita do morto, que esta, arrancando-se do braço foi cair a vários metros distante. No mesmo instante um cachorro que passava agarrou-a dentes e salu, seguido de outros, para um banquete. O homem de branco, agora refeito, abotoou o último botão do paletó, virou-se e caminhou rumo ao carro. Foi quando um negro com cara de entendido, disse: — “É, êste miserável morreu devendo os olhos da cara!”

O homem de branco virou-se repentinamente e, com um sorriso nos lábios, caminhou novamente rumo ao morto. Ajoelhou-se num joelho só. Meteu a mão no bolso do paletó e de lá tirou um destes canivetes que se dizem de 1001 utilidades.

O canivete era todo de madreperola, cheio de incrustações de ouro. O homem abriu-o com um carinho extremo e o enfiou no morto, logo abaixo das sombrancelhas. Descreveu um círculo em torno do olho e, puxando pelas pestanas, teve-o em segundos nas mãos. Agora que o olho estava em sua mão o homem, e todos nós, notamos que era azul. Mas, isto não interessou a êle. Repetindo a operação do outro lado, logo teve nas mãos o par

de olhos azuis que o morto lhe devia. Levantou-se com o mesmo sorriso, e dirigiu-se ao carro. Entrou no carro e arrancou, logo desaparecendo na primeira esquina.

O canivete executara a sua 1002 utilidade. Voltou-se a orianizar-se a roda em volta do morto que agora sem olhos, parecia mais aliviado. Alguem do meu lado comentou: — “É FELIZ, quem paga o que deve”. Como se, zombando do homem que falara, ou se por uma contração de músculos, o morto abriu a boca quase num sorriso. Todos o olharam admirados mas, só mais tarde, eu soube o que lhes causara tal admiração. Todos os que redevam o morto, como que ensaiados, caíram de uma vez sobre o cadáver e, eu também, me vi quase que jogado sobre êle. Ha custo continuei em pé. Quem já viu um bando de urubús disputando uma carniça, vê exatamente, o que passa agora. Um rapazola, louro, ergueu-se, não sem muito esforço, levantando o braço como se tivesse feito um gol que decidisse a copa. Na mão alevantada algo que eu logo reconheci.

Todos os dentes do morto. Entre os postigos haviam três de ouro. Passado o momento de contentamento, o rapaz correu com seu troféu na mão. De repente, vi-me só, pois todos os outros correram atrás do rapaz que, mal chegando à esquina foi esmagado por uma aterradora de asfalto. Os homens que o seguiam caíram em cima de suas mãos crispadas que escondiam os incisivos áureos e, o que os consegui arrancar, correu, sendo logo perseguido pelos outros, que desferiam milhões de improperios à mão do perseguido. Sozinho com o morto, notei que no lugar de onde momentos antes melha que lhe tomava metade do rosto. Estranho brotara um sorriso, era agora uma cavidade verdadeira não sentia pena do morto. Já lá saínda, quando minha atenção foi despertada por alguém que vinha correndo. Era uma morena, destas de beleza inexplorada. Vinha resfolegante do esforço. Do modo que vinha correndo caiu de joelhos e vibrou a mão aberta sobre o rosto do morto, jogando-o para o outro lado. Gritou, afastando os cabelos que lhe cobriam o rosto bonito e mau-tratado, e soluçando em prantos largos: — “Oh! Sem-vergonha. Ha quantos dias não vals em casa? Esqueceste que

tens família? Como pudeste deixar a família por aventura?”

Virando-se para mim, disse: — “O senhor o conhece?”. Não! respondi-lhe. — Eu o conheci hoje e garanto que não o queria ter conhecido antes”. — “O senhor tem uma faca?”

Perguntou-me de chôfre. — “Não senhora!”. Sem esperar mais ela virou o rosto do morto para si e enfiou o braço pela abertura que antes era a boca do morto. Virou e mexeu a mão por dentro do morto como se procurasse algo e, o brilho de seus olhos revelou-me que encontrara.

— “Segura-lhe os pés!” disse-me ela. prontamente atendi-lhe e, num minuto, pela cavidade vermelha, vi aparecer o braço da senhora trazendo na mão algo que logo soube ser o coração do morto. A mulher cortou com os dentes as últimas veias que ligavam o coração ao homem e, bradou: — “Pelo menos isto é meu! Ele me disse mais de mil vezes, quando casamos, que seu coração era meu”. O coração, como para confirmar, deu um pulo quase largando-se de sua mão. Mas, a mulher, com pulso firme, agarrou-o, e meteu-o no decote por entre os seios e saju, pelo caminho contrário ao que vinha, rebolando seus encantos.

Novamente me vi à sós com o morto. Eu não sou de muita iniciativa mas, vi que naquêle estado era necessário que se fizesse algo. E ao ver uma placa “MANTENHA LIMPA SUA CIDADE”, julguei acertada minha decisão. Joguei o morto numa lata de recolher lixo. O homem tão encolhido estava que, apesar da lata ser estreita, não houve problema em colocá-lo dentro. Afastei-me e já lá qua se chegando a esquina quando, olhando para trás vi que a mão esquerda do morto havia ficado fora da lata. Voltei com a intenção de colocá-la pra dentro. Ao aproximar-me notei, na única mão que restava ao morto, havia uma aliança de ouro. Olhei para os lados e, não vendo ninguém apressei-me a tirá-la. Notando que iria ter dificuldades del um puxão violento e, quase caindo para trás achel-me com o dedo anular do morto nas mãos.

Passaram-se dois dias. Estou aqui esperando que seque, o dedo do morto, que pus no sol. Espero que seque logo pois já negocieei a aliança com o ourives da esquina. É justo, depois de todo trabalho que tive.

(Carlos Galvão)

CORTE & CULTURA

Apresenta:

UM PECADO

O que é bom? o que é ruim? o que é certo? o que é errado? Obem e o mal andam de mão dadas pelas ruas da cidade. A verdade e a mentira trocam falsos olhares. A cultura. Ah, a cultura corre pelo o esgoto esgotando-se em firo. Em lama. Num poema concreto e discreto certo e errado. Numas linhas tortas num passo falso. O que é bom? o que é ruim? Jesus Cristo de gravata ou de pés descalços? O quadro de santa ceia olha o feijão comum numa panela de alumínio com o fundo preto de carvão. Rezas na hora do almoço. Esboço de sorriso guardado no canto esquerdo da boca. Eu não liga pra liga das senhoras católicas. Eu não vejo os santos sortindo. Eles são sérios e surdos. Surdos como uma porta. Cegos e tortos dependurados nas paredes do quarto. Domingo é dia de assistir missa e de tomar cachaça no Poty. Domingo é dia de alegria. Domingo é dia de jornais com seus suplementos pingando cultura. Domincultura. Fatura de versos desfeitos e feitos perfeitos de acordo com o figurinho. Uma porção de coisas. Um pouco de tudo. O jornal é aberto e lido e jogado fora. Um pedaço de cultura. Uma loucura. Da largura do sorriso imbecil que brota na face de cada um. Um perfeito estandarte. Uma bandeira rasgada. Uma bandeira velha e suja. A bandeira da cultura erguida no meio de sangue. Todo mundo tem obrigação de ver aquela cultura. O vento sopra no quadrante leste. O termômetro estaciona na marca de muitos graus. O tempo é quente. O jeito é ver. Um punhado (ou punhal?) de besteiras verdadeiras. Um monte de cultura. O sol de domingo. A flor de domingo. A cultura de domingo.

A missa de domingo. O almoço de domingo. A paz dos santos. A branca cor da cultura... O sol de domingo. A flor de domingo. A cultura de domingo. A missa de domingo. O almoço de domingo. A paz dos santos. A branca cor da cultura... O vermelho dos jornais. O contraste. O desastre. Um pouco mais de nada. Uma fada encantada com sua varinha de condão despertou todo mundo. Ins-truiu-lhes dizendo o valor da cultura que não existia. Os jornais corream. Contrataram os homens cultos. E atacaram. Aos domingos voce ganha uma paulada de cultura na cara. Abra qualquer jornal. Versos brancos. Contos verdes. O sino tocou chamando todo mundo para procissão dos cultos. Cultos culturais. Carnavais de linhas tortas escritas em papel jornal. Na linha do horizonte o sol o sol nasceu amarelo de cultura. Hoje é domingo. Hoje é dia de cultura. Hoje é dia de missa. Senhor Jornal e Dona Cultura: eu vos declaro marido e mulher.

UM QUADRADO

Quatro linhas do mesmo tamanho cercam um espaço vazio. Dentro dele não se coloca nada. Não se escreve nada. Não se pinta nada. É uma prisão de nada. É um escorregão numa casca de banana. É um pregão no sapato com chicletes mascarados e jogados fora. É uma mistura. É uma prisão de nada. É uma abertura. Abertura? Mas está cercado. É um espaço em branco. É um quadrado e só. Só? Mas pode um quadrado com nada guardar alguma coisa? O poeta chicletes com banana não pense muito e escreve:

junto os sapatos
aos pés da cama
e o mundo
explode lá fora
em estilhaços
em aços
com berros
eletrônicos

Um minuto
de silêncio
pra quem já era
e salve a mim
que calço 39.

UM RECADO

O homem apiou os cotovelos no muro da cultura e olhou a rua. Depois subiu no muro e gritou bem alto ninguém ouviu... Ai, o homem correu ao telefone e chamou seus guardas (guardados pra essas horas) e policiou a rua e trancou o tráfego e obrigou a todos o escutassem. O povo se revoltou. Mataram os guardas e derrubaram o muro. A rua voltou a ser como antes.

Moral da história: "Nada de impigir a massa o que chamamos «cultura». Mesmo porque a massa e os meios de comunicação de massa é que estão derruindo essa cultura pré-selecionada".

(Déclo Pignatari é citado por Torquato, nesse jornal).

QUEM-SE.
 tem pamas, e cheiram
 igrejas e presidentes de
 academias, unidos ha-
 letras. e o fogo não pas-
 ção de gravatas. alô se-
 MANQUEM-SE. pelo me-
 nhores. respeitáveis sem-
 mem. pois é como eu ia
 pelo amor de deus.
 dizendo pelo amor de
 sa de fumaceiro de gra-
 deus senhores: MAN-
 aqui. como é? ô edilber-
 jornalistas, literatos,
 ponsáveis por isto. todo
 mundo ajuda. durvalino
 uhores. MANQUEM-SE.
 arnaldo, fernando pes-
 soa, pê josé e o haroldo
 que tá chegando. o pe-
 traças. diluidores.
 e noronha, são os res-
 torquato, galvao, eôma-
 reira (ainda ouvirão fa-
 lar muito nele), tá nessa
 também. o wellington
 inda outro dia pintpu
 décio piguatarri burros,
 outro lado é verdade.
 to deixe de preguiça, ho-
 nos enforquem-se com
 eês vivem vegetais. tn-
 algo que indique que vo-
 suas gravatas. façam
 vetos. como é? liquida-

aqui é outro papo. outro
 rabisco nos nomens das
 ma o cuidado de sair
 cavernas', thank you,
 thank you, torquato
 'os diluidos são capazes
 ao o que tem escrito do
 de ir atrás do primeiro
 cultura não passam de
 elas se alimentam de
 mundo. outro mambo.
 você não entenden sa-
 ba: nada menos que se-
 te páginas nos separam.
 e nos une é isso mes-
 pra fora do modo mais
 mais
 as traças quem falou aí?
 você conhece as traças?
 mo. um ponto de vista
 independe dos olhos só-
 tos. num abrir e fechar,
 se pede que estejam aber-
 o cão pode entrar pra
 dentro. como um cisco.
 como um cristo pelo
 avesso aqui é o outro
 lado aqui é o fim do
 mundo. aqui tanto pode
 ser o lado de dentro co-
 mo o de fora. tudo de-
 pende da maneira como
 você entra nas coisas.
 o certo é que se você
 entrar por este lado, te-

F
 E
 -
 T
 A
 L
 -

